

Estados Unidos: regionalizar a questão afegã

United States: regionalize the Afghan case

VIRGÍLIO ARRAES*

Meridiano 47 n. 105, abr. 2009 [p. 3 a 4]

Após completar cem dias à frente da Casa Branca, o Presidente Obama destina maior atenção à questão econômica, em vista dos efeitos da crise iniciada no ano passado nos Estados Unidos e com o espraiamento em todo o globo. Nesse sentido, ele esforça-se para enfatizar a importância de um desenlace coordenado de maneira multilateral para o tema, ao incluir na pauta de negociações as vinte maiores economias, o que possibilita a participação com certo destaque do Brasil.

Não obstante as preocupações com uma recessão mundial, a Casa Branca ainda se debruça sobre o Iraque e o Afeganistão, a fim de verificar o melhor encaminhamento para os dois confrontos. No caso do último, o desassossego de Washington vincula-se com a possibilidade de o conflito estender-se definitivamente para o Paquistão, ao ultrapassar o âmbito do estado de Balochistão - o maior do país - situado na fronteira.

Embora seja um tradicional aliado norte-americano, o Paquistão está em conturbado processo político, por causa da ascensão de grupos extremistas, o que assombra o governo Obama, tendo em vista que Islamabad é detentor de armas nucleares e de forças armadas com cerca de 600 mil efetivos, sendo uma das dez maiores do planeta.

Com o objetivo de reprimir de modo mais eficiente a resistência talibã no Afeganistão, o governo norte-americano planeja enviar mais quase 20 mil combatentes para a região. O ponto principal para o estabelecimento de uma data mais precisa para a retirada militar esbarra na desconfiança com o governo de Hamid Karzai, considerado ineficiente e mesmo corrupto. Contudo, a situação aflitiva de

Washington não decorre apenas da atual elite política afegã, mas também de acordos políticos internos.

A Casa Branca optou por delegar a execução da política externa à ala do Partido Democrata vinculada ao grupo do ex-Presidente Bill Clinton, sendo a sua própria esposa, ex-senadora por Nova York, a titular do Departamento de Estado. O seu desafio é demonstrar que os Estados Unidos ainda são a 'nação indispensável' - conforme expressão empregada por Madeleine Albright no final dos anos 90 quando à frente da diplomacia - e, por conseguinte, a parte mais importante da solução na turbulenta política internacional, não o seu problema.

No Afeganistão, a previsão de permanência militar, sob a ótica democrata, ultrapassaria o mandato de Obama, mesmo sendo ele reeleito: dez anos. Deste modo, o total de efetivos até 2010 chegaria a quase 70 mil - mesmo assim, em casos extremos, as forças armadas continuariam a se valer do emprego do Predator, avião não tripulado, a fim de poupar os seus combatentes.

Com o objetivo de manter a nova estrutura, precisar-se-ia de 30 bilhões de dólares a mais por ano, soma a ser obtida do orçamento originalmente destinado ao conflito no Iraque. Da quantia cogitada, menos de 20% dirigir-se-ia à assistência técnica ou humanitária, o que caracterizaria a reiteração da política republicana aplicada desde a ocupação daquele país.

Os novos contingentes seriam deslocados em sua maioria para o sul e para o leste do território afegão, com o fito de executar missões de caráter contra-insurrecional. A expectativa é contribuir para a estabilização da fronteira com o Paquistão. Quase

* Professor do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília - iREL-UnB (arraes@unb.br).

simultaneamente, o cultivo da papoula deverá ser também reprimido, tendo em vista a necessidade de dificultar o financiamento dos talibãs.

Com a ampliação das tropas, o número de encarceramentos provavelmente subirá, o que exigirá dos Estados Unidos a reformulação de seu papel como agente penitenciário, em face das constantes denúncias de maus-tratos aos prisioneiros. Além do mais, estes seriam julgados por qual ramo do judiciário? Civil ou militar? Além do mais, encaminhar-se-iam os detidos a tribunais de que nacionalidade? De origem norte-americana ou afegã?

Acrescente-se que sem perspectivas de desenvolvimento econômico no país, a juventude torna-se mais sensível a mensagens extremistas, ainda mais se voltadas para a expulsão dos invasores. Não custa registrar que o Afeganistão, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), encontra-se na 173ª posição em termos sociais de um conjunto pesquisado de 178.

Do ponto de vista militar, o posicionamento estadunidense seria envolver a Organização para Cooperação de Xangai que abarca, entre outros, Rússia, China, Tadjiquistão, Usbequistão e o próprio Paquistão, enquanto se afastaria gradativamente a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), visto que o seu fracasso como força-tarefa além-fronteiras é evidente. Ademais, países como Canadá

e Holanda demonstram desinteresse em continuar a manter tropas.

Se a intenção é permanecer por mais uma década, seria bem mais proveitoso para os Estados Unidos tentar granjear apoio político e militar de Estados fronteiriços ou próximos do Afeganistão do que suplicar em foros transatlânticos a permanência de efetivos desestimulados – e bastante caros – da OTAN.

Recebido em 27/04/2009

Aprovado em 30/04/2009

Resumo: o artigo trata da política externa dos Estados Unidos concernente ao Afeganistão. Nesse sentido, ele aponta a necessidade de mudar a atual diretriz militar, a fim de envolver os países da região enquanto se preparasse a retirada das tropas da OTAN.

Abstract: the article deals with American foreign policy towards Afghanistan. It discusses the need to change the current military guidelines in order to prepare the withdrawal of NATO troops.

Palavras-chaves: Estados Unidos; Afeganistão; Organização para Cooperação de Xangai

Key words: United States; Afghanistan; Shanghai Cooperation Organization

